

Bettina Bopp

Pra

quando

você

acordar

Crônicas de
saúde e espera

 Planeta

Bettina Bopp

Pra
quando
você
acordar



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Bettina Bopp, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

Preparação: Laura Vecchioli
Revisão: Fernanda França e Fernanda Guerriero Antunes
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Fotos de miolo: arquivo pessoal da família
Capa: Daniel Justi
Imagem de capa: Flávia Arruda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bopp, Bettina
Pra quando você acordar / Bettina Bopp. – São Paulo: Planeta do
Brasil, 2022.
320 p.

ISBN 978-65-5535-647-2

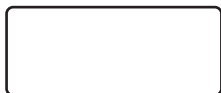
1. Crônicas brasileiras 2. Família – Crônicas 3. Irmãos – Crônicas
I. Título

22-0939

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras

Frases do conto “A terceira margem do rio”: Guimarães Rosa.
Primeiras Estórias, 1962.



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

Uma apresentação

11

Playlist para acompanhar a leitura

17

Você não vai acreditar, mas...

21

Conta comigo

291

Uma despedida

305

Agradecimentos

311



Planeta

UMA APRESENTAÇÃO

Este livro começou a ser escrito anos atrás, ainda em formato de blog. Todo domingo, eu postava um texto novo, que nada mais era do que conversas que eu gostaria de ter com o meu irmão mais velho, Itamar, ou Ita, que estava em coma desde 2005.

Foi numa sexta-feira de setembro que a nossa vida mudou. O Ita saiu para trabalhar. Ele tinha 41 anos. No fim da tarde, minha mãe recebeu um telefonema avisando que ele estava hospitalizado. Meus pais correram para lá, sem saber o que tinha acontecido. Eu cheguei pouco tempo depois, desesperada, e encontrei o Fabio, nosso irmão mais novo, na porta do hospital.

Tenho flashes desse fim de tarde confuso, triste, irreal. O Ita tinha sofrido um infarto, seguido de sete paradas cardíacas. O estado dele era muito grave. Nos primeiros dias, o coração era o mais preocupante. O Ita ficou em coma induzido por uma semana e, quando a função cardíaca evoluiu, os médicos resolveram diminuir a sedação. Só que o Ita não acordou.

Os médicos disseram que poderia demorar um pouco mais, já que ele não tinha morte cerebral e sim uma lentificação nos estímulos. Mas, conforme o tempo foi passando, os prognósticos não eram bons.

O Ita ficou quatro meses no hospital e depois foi para a casa dos meus pais com uma estrutura de home care e enfermagem vinte e quatro horas. Naqueles primeiros tempos, não sei se tínhamos muita esperança ou falta de noção da extensão do problema. Acho que a gente faz uma seleção do que consegue ouvir. Precisávamos nos acostumar com a nova rotina: sessões diárias de fisioterapia, fonoaudiologia, visitas de médicos e nutricionistas, alimentação por meio de uma sonda.

Um pouquinho de creme, uma gelatina, um Danoninho oferecidos pela fonoaudióloga eram mais para estimular a deglutição – e aplacar o coração dolorido da minha mãe.

Aliás, minha mãe me surpreendeu. Ela nunca perdeu a fé, queria o Ita do jeito que fosse, contanto que estivesse ao lado dela. Meu pai mostrou resiliência e aceitou o que tivesse de ser.

Coube a mim realizar as coisas mais práticas, o contato diário com os médicos, o dia a dia com os enfermeiros. Queria poupar meus pais. Fazia muitas perguntas, mas sabia o que queria escutar. E isso os médicos não podiam me dizer.

O tempo vai passando e você vai entendendo que algumas mudanças são definitivas. Entendi, então, que o Ita não era mais aquele irmão que eu amava e conhecia. Aquele tinha morrido naquela tarde de setembro de 2005. Havia outro que eu precisava amar, mas que eu nem conhecia.

Os médicos diziam que ele tinha uma interação diferente comigo, por menor que fosse. “O tônus muscular dele muda quando ele ouve a sua voz”, eles diziam. Mas isso era tão, tão pouco perto do que nós tínhamos antes.

Nós três, Fabio, Itamar e eu, sempre fomos muito agarrados. Mas eu era ainda mais próxima do Ita por gostarmos das mesmas coisas – filmes, shows, viagens. Na juventude, fazíamos parte da mesma turma. Casei com um dos seus melhores amigos, pai dos meus três filhos, Bruna, Lucca e Maria.

Dividíamos também o mesmo gosto musical. O Ita cantava bem e aprendeu violão na infância. Pela escolha da música que botava para tocar, eu sabia quando ele estava especialmente feliz. Sempre me mostrava canções novas de que eu poderia gostar e muitas vezes me telefonava e colocava um CD inteiro para tocar.

E agora ele estava ali, naquele quarto, em silêncio. Como no conto “A Terceira Margem do Rio”, de Guimarães Rosa, “ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais”. Para mim era como se o Ita tivesse resolvido viver assim e eu não pudesse mais alcançá-lo.

De alguma forma, eu também entrei em coma com ele durante esse processo. Terminei um namoro, parei de escrever, de encontrar amigos, de viajar. Precisava lidar com novos sentimentos que passei a

viver depois do que aconteceu com o meu irmão: raiva, insegurança, medo, culpa, inveja. Sim, inveja. Inveja de quem tinha irmãos acordados por perto.

Demorei um tempo para finalmente escrever como tudo isso me afetou. Há uns anos, no dia do aniversário do Ita, ampliei uma das últimas fotos que ele tinha tirado enquanto estava bem. Era uma foto 3×4 que encontrei no bolso da calça que ele usava no dia em que foi para o hospital. Postei nas minhas redes sociais e escrevi um post como se fosse para ele. Muita gente comentou. Amigos meus, dele, do Fabio, da minha mãe, do meu pai, familiares distantes... Era como se o Ita estivesse de volta nas rodas de conversa. Durante semanas, ele passou pelas minhas redes, por meio de lembranças e orações.

Foi ali que entendi que escrever “organizava meu caos”, como diz Antônio Candido. Criei o blog *Pra quando você acordar*, um diário de bordo ao contrário, pra quando o Ita voltasse. Passei a incluir nos textos muitas citações de autores que diziam exatamente o que eu queria dizer e não sabia como. E, pouco a pouco, os sentimentos pesados foram dando lugar à leveza, ao alívio e à cura.

Passei a escrever muito. Conte para ele quem tinha casado, quem tinha nascido, quem tinha morrido. Avisei sobre as lojas que fecharam, os filmes que foram lançados, as redes sociais e os aplicativos. Falei de governos, atentados e desgovernos. O que mais me deixava feliz era que, por meio dessas conversas e reflexões, eu sentia o Ita fora das paredes do quarto onde ele dormia havia tantos anos. Ele passou a me acompanhar nas mudanças cotidianas, nos acontecimentos da nossa família, nas transformações do mundo.

Para cada uma das conversas, escolhi trechos de músicas. Músicas de que ele gostava, músicas que ele ainda não conhecia. E a música, que sempre foi parte importante da nossa relação, voltou a ser nossa interlocução.

Uma amiga me disse uma vez que o Ita acordou o que em mim dormia. Acho que foi isso mesmo. E o resultado é este livro aqui.

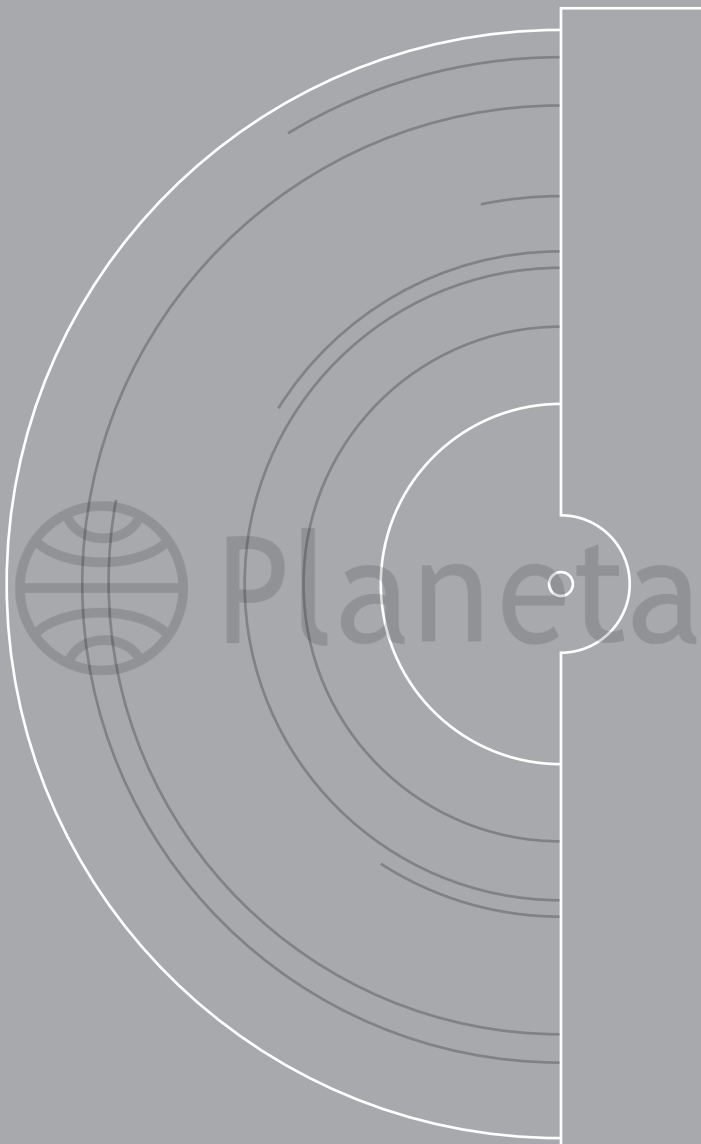


Planeta

PRA QUANDO
VOCÊ ACORDAR

The logo for Planeta, featuring a stylized globe with horizontal lines, is positioned to the left of the word "Planeta".

Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA